

A vida social dos plásticos: uma etnografia na praia do Porto da Barra em Salvador-Bahia

Candidata: Elena de Medeiros Batista

Supervisora: Stella Zagato Paterniani

Resumo:

Essa proposta de pesquisa visa etnografar as relações entre plásticos e humanos na praia do Porto da Barra, em Salvador, Bahia, e seu entorno. Por meio da observação participante, entrevistas semiestruturadas e o uso de recursos audiovisuais, busca-se mapear e reconhecer os diversos sentidos sobre como nos relacionamos com os plásticos. A proposta consistirá em desfazer categorias pré-concebidas sobre os plásticos que muitas vezes condicionam as interações ao funcionamento desses materiais e, em paralelo, investigando sobretudo a partir de uma literatura recente do campo dos estudos do parentesco, as relações de aliança e parentalidade possivelmente estabelecidas com eles. Sendo assim, pretendo articular esta discussão a partir de três eixos interligados. Inicialmente, abordo a perenidade da vida útil dos plásticos e os múltiplos sentidos que assumem no cotidiano da Praia do Porto da Barra, destacando sua interação multiescalar. Em seguida, busco compreender como o plástico, enquanto material resíduo e mutável, estabelece relações de intimidade e contaminação com humanos e não humanos. Por fim, discuto como os plásticos engendram as tramas de poder contemporâneas, atuando como agentes na produção de vidas menos-que-humanas e mais-que-humanas. Sob a hipótese de que a experiência só é possível de ser compreendida – e valorada – pela vitalidade entre ser e matéria, considero que o modo como são estabelecidos usos e percepções sobre os plásticos intervêm nas formas de sociabilidade instituída.

Palavras-chaves: Etnografia; Salvador; Experimentos etnográficos; Plásticos; Antropologia do antropoceno; **Introdução e justificativa**

Como acontecem as múltiplas realidades plásticas e quais são os seus efeitos? Este problema central que norteia a presente pesquisa tem como lócus etnográfico o cotidiano da praia do Porto da Barra, em Salvador, na Bahia, onde são buscadas questões complexas sobre os materiais plásticos que assumem diferentes formas e estéticas no contexto da praia. Para além do lixo e poluente, a difusão e versatilidade dos materiais plásticos

contribuíram para a construção de novas formas sobre como o plástico se torna agente, atribuindo-lhes outros significados a serem debatidos, podendo significar muitas outras coisas: resíduo, mutável, sustentável, plano e demais outras categorias que podem surgir ao longo da pesquisa. Como os plásticos produzem humanos e como os humanos, mais-que-humanos e menos-que-humanos¹ se relacionam com os distintos plásticos presentes na praia do Porto da Barra constitui a principal questão etnográfica a ser perseguida. O mesmo ocorre nas estruturas socioeconômicas que envolvem o plástico - produto, objeto e degradação - e nas relações de poder que constituem sua presença cotidiana.

Considero que refletir sobre diferentes formas estabelecidas acerca dos plásticos podem levar a uma mudança fundamental no modo como nós estamos acostumados a interagir com esses materiais. Enquanto os resíduos falam o que as pessoas são e quais histórias elas contam, as paisagens transformadas pelos plásticos têm a capacidade de mudar, por exemplo, o nariz de uma tartaruga e sua forma de respirar. Seriam os plásticos velhos componentes da vida humana? A influência material dos plásticos, sua onipresença e transformações sociais possuem forte presença no cotidiano, estabelecendo vínculo de intimidade com os organismos dos nossos corpos. Desde a embalagem plástica ao cartão de crédito, o mundo se tornou plastificado, incluindo até mesmo a própria vida. Nos anos de 2025 e 2023, pesquisas financiadas pela FAPESP mostram que a dominadora a indústria de plástico se expandiu no ingesto consumo de alimentos e bebidas comuns como a água potável, o leite, a cerveja e o sal (AMATO-LOURENÇO et. Al, 2025). Essas misturas com o plástico têm alterado as ecologias e as espécies não-humanas, como os manguezais, recifes de corais e, sobretudo, também dentro dos organismos de humanos e animais marinhos como encontrados os microplásticos²(ZAPAROLLI, 2023;).

A luz das reflexões propostas, interesse-me nas múltiplas linguagens e técnicas que possam refletir sobre o fenômeno dos plásticos, em distintos campos, como produto, resíduo e seus efeitos nas relações de sociabilidade. Este cenário me levar a querer compreender como a relação entre os plásticos e os humanos acontecem, sob a hipótese de que a experiência só é possível de ser compreendida – e valorada – pela vitalidade

¹*Less-than-human* é expressão presente em críticas antropológicas (Butler, 2004; Mbembe, 2003; Wynter, 2003) à desumanização em contextos coloniais e pós-coloniais; desenvolvo melhor em “Plot, plantation e plásticos”.

² Pesquisas recentes têm investigado o impacto dos microplásticos na saúde humana, como os estudos de Leslie et al. (2022), que

analisaram partículas de plásticos na corrente sanguínea, e Barboza et al. (2018), que encontraram microplásticos em frutos do mar, alimentos e água potável.

2

entre ser e matéria, considerando, por fim, que o modo como são estabelecidos usos e percepções intervêm nas formas como pessoas, não-humanos e seres-menos-que-humanos interagem com os plásticos. **1. Plástico: entre ser peregrino e ser resíduo**

1.1 A praia do Porto da Barra e os plásticos

Localizada na entrada da Baía de Todos os Santos, costa litorânea da região de Salvador - BA, a extensão da Praia do Porto da Barra abrange os fortes de Santa Maria e São Diogo. O portinho, como costuma ser chamada por seus frequentadores, abriga comunidade diversas: mergulhadores, turistas, atletas, moradores locais, donos de barcos, catadores de resíduos, vendedores ambulantes e barraqueiros compartilham entre si buscas variadas e usos conflitantes do espaço. Pretendo olhar os plásticos como uma figura liminar ao modo como as coisas e pessoas se misturam, se separam, se contaminam e se transformam.

No último verão, em janeiro de 2025, a praia do Porto da Barra amanheceu sem cadeiras e sombreiros devido a um protesto dos barraqueiros locais. A manifestação foi uma resposta às novas regras estabelecidas pela Secretaria Municipal de Ordem Pública (Semop), que limitaram a quantidade de kits (compostos por mesa, cadeira e sombreiros) que cada barraqueiro pode disponibilizar, permitindo apenas a montagem sob a demanda dos clientes. Essa medida foi implementada após reclamações de frequentadores sobre a ocupação excessiva da areia, que dificultava o acesso e o uso livre da praia. Em resposta, os barraqueiros retiraram seus equipamentos como forma de protesto, deixando a praia com uma paisagem incomum para os frequentadores.

Inicialmente, tomo a aparência visual e os sentidos percebidos pelos frequentadores como caminho para pensar sobre a realidade dos plásticos na praia. A ausência de sombreiros e cadeiras, na situação de protesto dos barraqueiros, escancara o quanto o plástico faz parte da paisagem visual e material da praia, a faixa de areia antes encoberta, o barulho das caixas de som, a circulação do comércio ambulante e de pessoas bastante intensa deu lugar a uma sensação de vazio estranha. Ainda que o cenário relatado se inicie a partir dos conflitos e das crises entre seus frequentadores, a praia do Porto da Barra evidencia não é apenas o plástico como poluente das

paisagens da praia, mas é o modo como ele é também um agente que tensiona e age sob uma liminaridade. Se na praia o plástico pode se tornar chão, assento, sombra ou contenção, na crise ele pode se tornar o trânsito, por exemplo, de uma economia ativa a um território em disputa, de uma praia movimentada para uma praia

3

desabitada. Isto é, torna-se marcador de uma transição ou incerteza em que no mesmo contexto apresenta-se cheio de ambivalências.

A praia é um cenário particularmente importante para o estudo dos plásticos. Possui grandes populações ricas e de classe média, cujos padrões de vida e ascensão acompanham o uso crescente de plásticos para embalagens e outros consumíveis que ofereçam praticidade, resistência e um certo valor estético, associados à qualidade de vida. Também possui populações vivendo na pobreza do plástico para obter sua renda como ambulantes - na venda de picolés, queijo coalho, brinquedos ou oferecendo baldes com água do mar para turistas lavarem os pés após a praia – ou também para atender a outras necessidades materiais. Devido a intensa atividade humana e a dinâmica das correntes oceânicas a praia acena uma região crítica para resíduos, este uso de plásticos possui volumes ainda maiores nos períodos festivos no Porto da Barra, em festas como lavagem do Senhor do Bonfim, Iemanjá (2 de fevereiro), Carnaval e Independência da Bahia. A todo momento os plásticos são feitos para serem desperdiçados, pois, apesar de serem materialmente duráveis e incapazes de se biodegradarem, tem sido usados com efemeridade.

Por outro lado, os plásticos têm uma espécie de comportamento bastante específico. Devido a sua materialidade incomum e ao grande número com que são utilizados, plásticos se diferem de outros materiais por serem encontrados em praticamente todos os lugares da Terra. Fale da produção de espacialidade dos plásticos na praia e, num piscar de olhos, você será levado aos canais de esgoto que poluem os oceanos, e de lá as cadeias de carbono liberados durante seu uso, depois as indústrias petrolíferas que cercam a Baía de Todos os Santos, chegaremos no crescimento verticalizado de prédios no bairro da Barra e daí, talvez, a agenda da COP30 sediada no Estado do Pará prevista para o ano de 2025. Assim, os plásticos atravessam diferentes escalas – da praia, sistemas urbanos, polos industriais à política global.

Esse padrão de uso altamente variado, quase sempre crescente, entre os humanos, juntamente com

vulnerabilidades imprecisas acerca das toxicidades envolvidas em sua produção, uso e descarte de plásticos, tornam a região da praia e seu entorno particularmente relevante para investigação da "vida social (APPADURAI, 2008). Canudos, talheres, copinhos, filmes, sacos e sacolas se impõem como agentes de separação e proteção, atuando como barreiras entre alimentos, corpos, areia e água do mar. O plástico evita que a areia percebida como suja e intrusa, se misture a comida, impede que o calor do sol altere o estado das coisas e que as mãos molhadas ou suadas evitem o contato íntimo com vírus e bactérias do que será ingerido. Embora estes e outros tipos de embalagens são percebidas como mantenedores da esterilidade, evitando a contaminação por microrganismos, pode se tornar vetores ao se contaminarem com as diversas marcas do capital estampadas em seus rótulos.

4

Sendo assim, pretendo articular esta discussão a partir de três eixos interligados. Inicialmente, abordo a perenidade da vida útil dos plásticos e os múltiplos sentidos que assumem no cotidiano da Praia do Porto da Barra, destacando sua interação multiescalar. Em seguida, busco compreender como o plástico, enquanto material resíduo e mutável, estabelece relações de intimidade e contaminação com humanos e não-humanos. Por fim, discuto como os plásticos engendram as tramas de poder contemporâneas, atuando como agentes na produção de vidas menos-que-humanas e mais-que-humanas.

1.2. A perenidade da vida útil dos plásticos

A perspectiva da interrelacionalidade é sem dúvida parte do pensamento ecológico na qual corpos ambientes objetos-pessoas se constituem nas e pelas relações. A presente pesquisa toma como ponto de partida a interrelação plástico-humano que ressignifica cotidianamente práticas coletivas e individuais. O que significa narrar a história do plástico? O consumo em massa constitui a memória da produção industrial em larga escala no período pós guerra e o acúmulo de lixo em aterros sanitários e nos oceanos. Ao passo que contam rastros de destruição decorrentes do seu uso, cooperam entre si dentro do contexto capital, desses encontros, plásticos e humanos têm “engajamentos vitais de diferentes escalas” (HARAWAY, 2022, p.163).

Pretendo aprofundar a vitalidade, complexidade e ambivalência dos plásticos de modo a compreender histórias emergentes de uma “diversidade contaminada” (TSING, 2019). Isto é, a adaptação colaborativa a ecossistemas de perturbação humana. Emerge como os detritos da destruição ambiental, da conquista imperial,

dos fins lucrativos, do racismo e da norma autoritária – assim como devir criativo. Nem sempre é bonita, mas é quem somos e o que temos disponível como parceria para uma terra habitável (TSING, 2019, p.23). Neste caso, busco narrar uma história sobre plásticos e humanos, atenta às multiplicidades e ambivalências do plástico na qual eles participam de diferentes escalas, circulação, seres, processos materiais e até mesmo nos eventos enfrentados pelos tempos atuais, como a negligência ao excesso de múltiplos materiais compostos por plásticos.

5

Fruto dessa intensa convivência que resultou em relações simbióticas³, os plásticos mediam as agências dos organismos onde a vida se desenvolve. Nessa rede simbiótica, o plástico é inserido enquanto elemento de produção social, entendido sob a perspectiva de algo transformável, isto é, não fixo e variável no tempo e no espaço. Baseado nessa interrelacionalidade que demarco o tema central deste projeto, ademais, tratarei de compreender como a ideia de plástico presente nas descobertas, práticas e procedimentos dos seus praticantes se dá a partir de mundos que se perdem ou se transformam entre organismo e espaço. Tomo como pensamento que o plástico ganha importância a partir da relação que construímos com ele, isto é, cria-se a necessidade do plástico. Dessa forma, o plástico surge como resposta a uma necessidade de se ter mais plásticos e, insiste como efeito, a sua superprodução.

Mapeando o campo dos plásticos e resíduos, identifiquei que já existem grupos dedicados que margeiam esse campo aqui no Brasil, como o laboratório de pesquisas aos estudos sobre resíduos (RESIDUALAB/UERJ) e o grupo de estudo sobre debates contemporâneos em torno do Antropoceno (APPH/Porto Alegre). A justificativa dessa pesquisa é que, embora estudiosos do Antropoceno discutam o plástico como parte de um conjunto mais amplo de resíduos, busco desvincular o plástico dessa categoria uma Antropologia dos Plásticos⁴. Embora as produções científicas sobre o tema sejam iniciais no Brasil, acredito ser possível desenvolver essa área, estabelecendo diálogos com grupos internacionais que já se dedicam aos estudos de plásticos de maneira mais direcionada⁵.

³ Partindo da ideia de espécies companheiras, Donna Haraway (2023) produz uma etnografia multiespécies narrando sobre como as ruínas do capitalismo traçam enredamentos entre cachorros e sociedades humanas. Em particular a noção de Simbiose, originária da biologia, tem sido desenvolvida pela autora no sentido de criar potenciais para descrever experiências sociais compartilhadas dos humanos com outros seres.

⁴ Possa ser que essa pesquisa resulte em apenas um caráter de teoria etnográfica a partir do plástico, no entanto, tenho por intenção

mobilizar a categoria Antropologia dos Plásticos para reforçar teoricamente as aproximações que têm sido presenciadas entre seres humanos e materiais plásticos no meu campo. Dado o intenso contato e intimidades tecidas a diferentes níveis de interação, questiono-me onde começa e onde terminam a individuação entre seres humanos e plásticos? Como as categorias de separação e divisibilidade são mobilizadas? Tenho por intenção desenvolver que uma Antropologia dos Plásticos não seria um estudo sobre o plástico, mas como os seres humanos criaram modos de vidas específicos a partir de um mundo plastificado.

⁵ Durante o mapeamento pude constatar grupos de discussão acerca de transições urbanas do Antropoceno e suas crises (Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa), o entrelaçamento de processos vitais e processos técnicos envolvendo coisas vivas e artefatos (Laboratório de Antropologia Social/Collège de France) e o desenvolvimento de relações técnicas que humanos estabelecem com seu meio (Centre for the Anthropology of Technics and Technodiversity (CATT) /University College London).

6

Nesse caso, considero que fazer uma Antropologia dos Plásticos seria des-fazer contradições acerca de diferenças e categorias pré-estabelecidas, bem como, compreender configurações sociais, éticas e estéticas que determinam a sua produção e uso. Além disso, as produções se centram nas relações entre humanos e mais-que-humanos, ou outros-que-humanos, ao passo que esta pesquisa tem um interesse particular em dedicar-se ao reconhecimento da desigual diversidade de humanos na praia do Porto da Barra. Informada por uma literatura crítica do antropoceno, esta proposta de pesquisa visa prestar especial atenção ao modo como aqueles produzidos como menos-que-humanos na cidade antinegra de Salvador também constroem relações com o plástico.

Sendo assim, os plásticos nos convidam a *insights* e perspectivas que nos ajudam repensar os movimentos globais e formas de usos no dia a dia. Sob essa perspectiva, através do universo empírico escolhido para essa pesquisa, o cotidiano do Porto da Barra em Salvador, as questões complexas dos materiais plásticos serão estudadas dentro dos eventos e relações concretas ao assumirem diferentes formas e estéticas nas interações do local, que surgem manifestas desde as industriais petrolíferas até as ilhas de plásticos nos oceanos. A finalidade é produzir sentidos com o produto da pesquisa acerca do modo como nos relacionamos com os plásticos e entender quais são os efeitos experienciais dos plásticos no mundo.

1.3 Resíduo e mutável: o plástico como parente

Afinal, há quantos anos nos relacionamos com os plásticos? Antes da configuração atual, a goma-laca, o marfim e a carapaça de tartaruga eram materiais naturais que sob calor e pressão criavam outros objetos. O aspecto econômico da borracha no século XIX suscitou o aumento significativo do comércio desses tipos de materiais,

enquanto atividade econômica basilar, que ocorriam para fabricação de sapatos, produtos químicos, pneus, pente de cabelo, cabos de bengala, entre outros. A oferta aumentou devido a procura por artigos domésticos, joias e acessórios pessoais que pudessem demonstrar objetos de riqueza e status social.

Tecidos na confluência dos fluxos de pessoas e coisas, a atividade extrativista apontava para relações materializadas e diversidades culturais, devido às relações entre europeus, indígenas, comerciantes, africanos escravizados e fugidos. A descoberta do látex, que levava o nome da economia brasileira, abrigavam a realidade paradoxal dos cotidianos de trabalhadores seringueiros, das suas famílias e dos amigos ao suportar os efeitos negativos da economia da borracha. A seringa para criação desses objetos era obtida por meio da intensa rede de comércio durante o período colonial, com relações desiguais e exploratórias, que os países da Europa estabeleciam com suas colônias, incluindo o Brasil, a história social da borracha tem seu início enquanto produto industrial símbolo de progresso civilizatório.⁶

Mas, afinal, o que significa ser moderno? Bruno Latour (2019) provavelmente questionaria os colonialistas, perguntando se não seria a capacidade de transformar os ambientes a nosso favor. E, diante dessa indagação, alguém logo exclamaria: "seriam os plásticos!". A partir daí, o plástico não perdeu mais a sua importância se tornando um veículo que possibilitava outras lógicas de mercado. As fábricas e seus ambientes rapidamente se adaptaram aos materiais feitos de plástico baseados no petróleo, carvão e gás natural, mesmo lugar onde fazem a gasolina para carros e pneus de caminhão. A massa plástica passa por um processo longo e barulhento para chegar ao produto que conhecemos como garrafas, vasilhas e rótulos de embalagens. Mesmo com as fragilidades das relações econômicas que puseram fim ao ciclo extrativista da seringa, a relação estabelecida com as propriedades da borracha compreendeu que seus componentes facilmente moldáveis, variáveis e adaptáveis a qualquer coisa atenderiam mais à frente uma larga gama de objetos de consumo principalmente das indústrias hospitalar, têxtil e armamentista, que ao estarem envoltos de plástico, aderiam a função de isolante térmicos, anticontaminantes e atóxicos na vida cotidiana dos seres humanos.

É interessante demarcar essa virada histórica dada pela industrialização, pois com frequência parte das pessoas não têm claro a distinção da origem e do processo de fabricação dos objetos⁷. Os plásticos à medida que imitam outros materiais, formam novos tipos de constituições materiais, são incorporados por imaginários

culturais, práticas cotidianas e transformam sistemas ecológicos e humanos. Embora a maioria dos plásticos hoje em dia sejam derivados de fontes sintéticas, em sua maioria derivados do petróleo, existem objetos que fazem a função social de plástico, mas são derivados da borracha, aonde muitas dessas fronteiras, sintético e natural, se tornam borradas em nosso cotidiano.

Antes de mim, outros autores já debatiam como a forma de fazer as coisas está influenciando corpos humanos e ecossistemas, ao demonstrarem que o mundo das tecnologias intermedia relações entre seres humanos

⁶ Segundo Eckert (2006), a borracha foi inicialmente reconhecida como um produto industrial e símbolo de progresso civilizatório, sendo extraída por trabalhadores em condições precárias nas plantações de seringueiros.

⁷ A ideia de que as pessoas não têm claro a distinção da origem e do processo de fabricação dos objetos remete ao conceito de "fetichismo da mercadoria" por Marx, onde as mercadorias são vistas dissociadas das suas relações de produção. O mesmo ocorre com o plástico que ao extrapolar sua funcionalidade também molda percepções.

8
e o mundo externo (KRENAK, 2020; SIMONDON, 2007; LEROI-GOURHAN, 1990). Esse debate foi posteriormente ampliado por Donna Haraway (2021) e Guilherme Moura Fagundes (2016) que propõem a categoria “parentesco”⁸ como ferramenta conceitual e metodológica para investigar a relação com materiais. Se uma paisagem é alterada pelo plástico, o próprio plástico também é alterado pelo movimento nos processos ao longo do tempo os quais ele se encontra emaranhado. Neste caso, discutir sobre o plástico, enquanto produto e resíduo, nos ajuda a repensar os objetos, ao mesmo tempo que sugere novos métodos para pesquisa etnográfica.

Ainda estamos em busca para entender como e porque a produção dos plásticos e seus efeitos ultrapassaram a capacidade controlá-lo em nossa sociedade. Mais do que resíduos acumulativos ou utensílios do nosso cotidiano, nos dias de hoje, os plásticos passaram a moldar formas da vida humana⁹. Essa constatação, exige repensar as determinações de fronteiras entre sujeito e objeto que agora, e cada vez mais, parecem estabelecer vidas humanas específicas adaptadas a um mundo plastificado. Essa penetrabilidade radical levanta questões sobre agência, responsabilidade e os limites da autonomia humana frente às materialidades que produzimos.

Não basta afirmar que vivemos em um mundo socialmente construído, tampouco que há múltiplas ontologias, mas pensar como a existência dessas ontologias são costuradas por práticas socioculturais (WYNTER,

2021). Pensar os plásticos como parentes não significa dissociá-los das construções sociais ou das lógicas de mercado neoextrativistas que os atravessam, mas reconhecer que ontologia e construção social operam de forma concomitante, moldando-se mutuamente. Isso nos leva a refletir que a força dada as discussões ontológicas sobre as materialidades buscam atingir uma reformulação radical sobre os sentidos produzidos à intensa presença do

⁸ Guilherme Fagundes, inserido no campo da antropologia da técnica, reformula o tema das queimadas como um problema de destruição ambiental para abarcar os debates dos manejos participativos do fogo, como as eventuais disparidades perceptivas entre fogos desejados e indesejados entre quilombolas e gestores ambientais. Sua problematização parte do seguinte questionamento: "como o fogo devém ferramenta?". Donna Haraway também se interessa em compreender de que forma o parentesco entre humanos e não-humanos acontecem, colocando abaixo quaisquer dualismos do entendimento da vida humana. Buscando coadunar esses dois estudos foi percebido que os plásticos se fazem parentes no modo como são manejados, isto é, vidas humanas, corpos e identidades estão entrelaçadas com tecnologias e sistemas técnicos, resultados dessa mistura.

⁹ Pesquisas financiadas pela FAPESP (ZAPAROLLI, ZORZETTO, 2025; SCHIMIDT, 2023; JONES, 2019) fornecem evidências de como os plásticos, especialmente os microplásticos, interagem diretamente com o corpo humano. Além disso, apontam para sua penetrabilidade em diversas esferas da vida cotidiana, indicando uma influência significativa na maneira como os seres humanos interagem com o mundo, dada a onipresença desses materiais. Esta pesquisa de caráter antropológico busca aprofundar ainda mais essa interação acontece.

9

plástico em nosso cotidiano, questionando, inclusive, os limites entre vida e não-vida, ser e matéria (POVINELLI, 2023).

Assim, ao perguntar que tipo de ciência/conhecimento está envolvida na forma como as pessoas explicam ou compreendem os plásticos, estou perguntando também por uma ciência que se disponha a reatar os fios soltos as constantes divisões que se fazem das áreas de conhecimento e interesses no modo como esse material está disposto no mundo. Neste caso, trata-se de reconhecer que o plástico - assim nos lembra Latour (2019) ao dizer que deixar de ser moderno é reconhecer o valor das diferenças, volta a unir aquilo que os modernos e colonialistas passaram tanto tempo tentando separar.

Os antropólogos têm contribuído para tais questões em direção a preocupações pelas ontologias múltiplas, como propõem Anna Tsing (2019), com os cogumelos, e Eduardo Kohn (2021), com as árvores, que engendram outra noção de humano, antes consolidada nos estudos de parentesco. O plástico pode denotar uma gama de coisas, existem aqueles que relatam a “indústria”, “capital” e “exploração” e as outras que narram, ao se tornarem “plásticos”, uma perspectiva de “durabilidade” “expansão” e “crescimento”. A propriedade moldável que constitui plástico é o que caracteriza a ambivalência de seu sentido como enredo "conexão entre ficção, fato e a

estrutura de valores que elas representam" (WYNTER, 1971), que neste caso é a impossibilidade de se ater uma forma representacional exclusiva, mas sim diferentes formas estabelecidas sobre as materialidades plásticas que subvertem níveis distintos de ação e percepção.

Dentro dessa lógica, mais do que significados representativos, os plásticos possuem misturas concretas (GOLDMAN, 2015). As paisagens compostas por plásticos pressupõem colocar diferentes enredos em perspectiva, perpassada por fluxos vitais, misturas, “desvios” e reutilizações apontadas como novas relações dinâmicas da vida e meio ambiente. Partindo da concepção sobre materialidade, assim entendida por Tim Ingold (2007; 2015), destaco como ele concebe “do que são feitas as coisas” ou melhor, com quais coisas se faz o plástico. É notável como ao longo do processo são modificadas suas estruturas com a criação da sua própria materialidade, o plástico, materiais vivos como algas, bactérias, micélios, resíduos de plantas e sementes fomentam estratégias de habitação. De tal modo, a abordagem relacional estabelece um “viver entre” plástico e humanos não de maneiras isoladas, mas tendo como referência as formas de funcionamento que equalizam esse encontro como “fluxos geradores do mundo de materiais no qual elas vieram à existência e continuam a subsistir” (INGOLD, 2015, p.63).

10

As linhas de Tim Ingold nos mostram que outras maneiras de plástico são permitidas. Essas considerações me levam a concluir que o plástico não é um objeto, mas um emaranhado de linhas vitais. Por sua vez, é um acontecimento em que várias outras coisas criam linhas e se reúnem (por fios de linhas) ao se prenderem a todo o resto. Para Ingold (2015, p.63), as coisas são “varridas em circulações dos meios circundantes que alternadamente anunciam sua dissolução ou – caracteristicamente com seres animados – garantem sua regeneração”. Assim, a compreensão das coisas se dá em oposição à diferença estabelecida sobre o que achamos que devem ser os objetos ou para que eles servem. É na interação com eles, no cotidiano, que construímos a ideia de mundo mundificado.

1.4 Sobre plot, plantation e plásticos

É preciso refazer o “pensamento humano” que se tem sobre os plásticos. Em outras palavras, quando esse pensamento humano é escolhido como protagonista dos sentidos e efeitos envolvendo seres humanos e plásticos

quero dizer, na realidade, que foi um modo específico de sociedade humana e, ainda assim foram classes, raças e regiões de humanos específicos que impuseram uma lógica de mundo. As múltiplas formas de se relacionar com os plásticos, seres, organismos e visões de mundo, diante de uma ordem aniquiladora que recai sobre a natureza, têm aberto possibilidade para escritas antropológicas e modos de autorrepresentação que escapam ao conhecimento centrado no Homem.

Esta pesquisa se orienta pelo debate ontológico que redefine a condição dos humanos e integra a participação ativa dos plásticos. No entanto, mais que apenas estar inscrita nos estudos mais-que-humanos, a presente pesquisa se ancora em um conjunto de autoras e autores que mobilizam práticas da diferença, orientada pela crítica da racialidade, estudos da racialidade e pensamento negro radical, sob a categoria menos-que humanos. Entender como a antinegitude constrói a noção de ontologia política nos permite pensar o plástico como uma espécie de "outro", não apenas como um impacto ambiental, mas enquanto agentes que atravessam mundos. Ou seja, como o plástico se torna parte de uma organização de mundo e com o poder de viabilizar

práticas sobre vida/morte, qualidade/precarização, pureza/contaminação ao revelarem opressões e marginalizações profundas.

11

Na praia do Porto da Barra, os plásticos protagonizam cenas de desigualdades e intimidade forçada. Confundindo-se com o gesto dos catadores, o plástico-pele transforma-se em um grande bolsão de restos indistintos junto ao corpo do catador – latas amassadas, líquido de chorume, micro-organismos invisíveis, carne humana e economia informal. Envolvidos na fusão cotidiana, o catador que vira lixo aos olhos da sociedade, também vira mundo no sentido de fazer funcionar o mundo que a cidade rejeita, atribuindo novos valores ao descartável. O que se vê, então, é o plástico atuando como agente ativo na produção de uma menos-que humanidade, onde determinados sujeitos só ganham visibilidade quando se confundem com os resíduos que tentam remover. Já os mergulhadores e praticantes de nado recreativo, tem os plásticos como verdadeiros agentes modificadores da sua capacidade de ver e respirar debaixo d'água. Ao moldarem suas máscaras, seus tubos de respiração e suas nadadeiras adaptados aos seus corpos, são vistos como uma tecnologia incorporada mais-que

humana que ampliam os seus sentidos para sobreviverem no fundo do mar.

Da exportação de resíduos e poluição das praias à presença de microplásticos nos fundos dos oceanos, a supremacia dos plásticos na vida dos humanos e dos ecossistemas é uma herança das colônias de extração¹⁰ e empresas multinacionalistas que facilitaram a ocupação massiva das terras indígenas, o incentivo às atividades de agropecuárias, o desmatamento e o fomento de indústrias de exploração do petróleo. Trata-se de um colonialismo que se atualiza, mas mantém sua estrutura. Desse modo, denota-se que a perspectiva que foi construída acerca dos plásticos criou realidades diferenciadas na forma como deveríamos estabelecer relações com ele mediadas pelas formas de governança do colonialismo e das políticas de mercado.

Malcom Ferdinand (2022) versa que a "química dos senhores" é a condição poluente da vida de humanos e não humanos ao tornarem o futuro dos ecossistemas antilhanos em um habitar dominado pelas *plantations*. Tudo ter virado plástico tem nos levado a um ponto de transformação e extensivos efeitos exploratórios

¹⁰ Refiro-me às colônias de extração como formações baseadas na devastação ambiental e humana de territórios considerados "descobertos" pela lógica colonial. No caso do plástico, há uma continuidade entre a exploração da borracha e a atual dependência da extração de petróleo, matéria-prima do plástico, ambos os processos voltados a interesses externos, que desconsidera os modos de vida e saberes de povos não alinhados a essa lógica de mundo.

12
irreversíveis das espécies. Por seus senhores, se reforça o consumo em massa, a incidência brutalmente desigual e conflitiva entre descendentes de colonizadores escravagistas e as pessoas descendentes de escravizados (FERDINAND, 2022, p.130). A exemplificação das *plantations* em comparação com a discussão que tem sido feita com o plástico é uma alusão a formas de fazer similares ditadas pelo capitalismo e as leis do mercado. Mais do que qualquer outro material, os plásticos se tornaram líderes em produção econômica e destruição ecológica.

Seguindo a inspiração confrontiva feita por Sylvia Wynter (1971), entre *plantation* e *plot*¹¹, dentro da lógica de mercado das plantações, e agora dos combustíveis fósseis, surgem brechas para outros enredos autônomos. Os plásticos são materiais que marcam transformações sociais em diversos contextos, possuem sentidos práticos e materiais na construção da vida cotidiana dos humanos, como também, assumem sentidos simbólicos ao participarem da construção sensível da intimidade das pessoas. Neste contexto, o plástico enquanto problema ocorre como uma espécie de ajuste de foco reiterado na tentativa de emergir um novo sentido aos

valores de uso atribuídos a ele.

Podemos situar que os plásticos são como parte de um "plot insurgente", entidades não localizadas que estabelecem combinações diversas em trajetória contínua com cada elemento que constitui o ambiente - trabalhadores, comerciantes, florestas, petróleo e animais misturam-se entre si. Assim, a materialidade do plástico desvela uma realidade múltipla e fluída em relações e materiais que produziram no espaço interesses mútuos, rupturas, jogos de movimento e imobilidade. Em contraponto a narrativa da "intimidade sem vínculo" e do descarte, que associam a lógica da *plantation*, é possível com Wynter, entrever outra lógica: plásticos e parentesco passam a engendrar uma relação de consubstancialidade e dependência amorosa, forjadas no convívio contínuo.

2. Avanços conceituais a partir do plástico

Nesse caso, como romper com a noção conceitual de diferença? Se deixarmos ser levados pelas narrativas conflitantes de naturezas precárias e confluentes, assim como faz a antropóloga Anna Tsing (2019) em seu trabalho recente com os cogumelos matsutake emaranhados nas paisagens em ruínas¹², nos possibilita sermos

¹¹ A palavra *plot* que traduz o sentido de roça (ou lote), faz um contraponto ao significado de *plantation* como latifúndio ou extensão terrena. Desvela uma oposição quanto ao modo de ocupação das terras, como na ambivalência de seu sentido (enredo).

¹² Anna Tsing discute que a melhor forma de encontrar soluções para os problemas do fim de mundo que nos humanos enfrentamos é permanecer nos ambientes arruinados.

atravessados pela companhia íntima que temos com o plástico e que em grande parte do que chamamos de modos de vida no século XX. Neste caso, seria uma noção arrolada a experiência de deslocar o olhar tendencioso aos lugares pré-estabelecidos determinados aos plásticos e aos humanos e, por outro, romper com os ditames do liberalismo que estabelecem uma relação existencial de dependência com o plástico.

Seria possível um ambiente totalmente livre de plásticos? Neste caso, nos importa para a presente proposta de pesquisa quebrar o pensamento da diferença apresentado numa área de dicotomias para se pensar a composição entre humanos e plásticos a partir da relação. É interessante ver como José Carlos dos Anjos (2008, p.9) fala da encruzilhada como intersecção que aceita os diferentes sem excluir a diferença, à medida em que estabelece uma multiplicação imediata das diferenças, sendo possível ver, a exemplo, no que diz respeito à noção de pessoa na religiosidade afro-brasileira. Ele explica que “trata-se de uma vivência da alteridade numa concepção de pessoa

completamente diferente daquilo que a modernidade ocidental nos apresenta: o “outro” introduzido no “mesmo” fazendo explodir a mesmidade como possibilidade de pensar e ser.

Estabelecer novos modos de existência a partir da diferença, assim como faz o antropólogo Marcio Goldman (2015), ao analisar a relação afroindígena, propõe que ao se opor à noção de estrutura e passar a dialogar com as diferenças enquanto potenciais criativos corroboram para misturas materiais sobre a existência dos objetos. Não se trata de automatismos dos discursos sobre os objetos ou ideologias por detrás deles, que muitas vezes condicionam as relações ao funcionamento próprio dos materiais plásticos, mas uma abertura aos princípios imanentes que condicionam a formação do encontro.

Os plásticos são a construção de um novo ciborgue, do mesmo modo que, para Donna Haraway (2009, p.37), os ciborgues constituem uma “tradição de progresso e apropriação da natureza como recurso para a produção de cultura”. Eles são também as novas “florestas de corais” das paisagens de degradação da vida marinha modificadas pelo crochê hiperbólico (HARAWAY, 2023). Esse diálogo complexo e contemporâneo sobre as interações feitas com o plástico estabelece uma junção entre o real e o ficcional como uma prática social. Ganha uma conotação mais ampla e viável pensar sobre as possíveis mudanças no mundo antropoceno em que formas criadoras de aliança e colaboração, apontadas pela multiespécies e outras áreas do conhecimento, passam a estabelecer trajetórias interativas com os plásticos assumindo a parte de si mesmo que tanto renega.

14

Imersa em compreender as relações do plástico em paisagens de transição, diálogo com autores que criticam o Antropoceno (OLIVEIRA et. Al, 2020; FAGUNDES, 2019; HARAWAY, 2009) para aprofundar acerca dos recentes debates sobre a plastisfera ou plasticoceno, uma era temporal demarcada pelo aumento da produção de resíduos plásticos (SEMENSATTO, 2021; SUBRAMANIAN, 2021; ARTAXO, 2014). Este período é demarcado também devido a formação de ecossistemas que se desenvolveram para viver em ambientes plásticos feitos pelos humanos. Independente da era definida pelos geólogos o que pretende discutir não é a representação do plástico, mas a transformação ocasionada pelos encontros. Desse modo, a minha ideia é como o plástico cria mundos ao ponto de formar as sociabilidades (e a si próprios) entre seres humanos, organismos interessados em plástico e o meio ambiente.

Fruto dessa interação que tem sido observada e que, portanto, passou a reconhecer a sua impossibilidade de dissociação. Estudos têm sido realizados na utilização de materiais naturais como algas, micélios ou resíduos agrícolas para produção de plásticos. Assim como esses estudos, outros permitem se ater não apenas às diversas formas de apropriar-se entre os humanos com as coisas, mas às invenções às quais as práticas entre humanos, outros seres e agentes ambientais acontecem nos espaços (e se relacionam) podem contribuir para vivências similares na praia e no mar do Porto da Barra.

Objetivos

Objetivo Geral: Etnografar as relações entre plásticos e humanos na praia do Porto da Barra e seu entorno em Salvador-BA.

Objetivos Específicos

- Situar os múltiplos sentidos que os plásticos assumem no cotidiano da Praia do Porto da Barra, com atenção à sua perenidade e circulação em diferentes escalas;
- Compreender como o plástico estabelece relações de intimidade e contaminação com humanos e não humanos, interrogando os limites desse contato diante da interação constante com esse material;
- Problematicar o modo como os plásticos se entrelaçam às tramas de poder contemporâneas, contribuindo para a produção de vidas menos-que-humanas e mais-que-humanas;
- Expressar a vitalidade e intencionalidade das forças não-humanas e seres multiespécies habitantes do Porto da Barra que constituem relações com o plástico e o modo com o qual essa relação afeta as existências desses seres;
- Realizar experimento etnográfico com fotografias, câmera e trabalhadores da praia do Porto da Barra

ajudando a contar novas histórias sobre os plásticos, através de imagem e linguística;

- Contribuir com a crítica de uma Antropologia do Antropoceno adensando uma produção incipiente na academia brasileira sobre Antropologia dos Resíduos;

Material e métodos

Esta pesquisa etnográfica prevê diferentes fontes de coletas de dados. Considerando etnografia como um “estado de vidas-linhas” (TSING, 2019), que visa estudar o encontro das relações, e um meio “pelo qual a teoria antropológica se desenvolve e se sofisticada quando desafia os conceitos estabelecidos pelo senso comum no confronto”¹³(PEIRANO,1995), o encontro entre os fluxos das coisas e suas relações sociais está permeado por perspectivas teóricas e interpretativas que coadunam entre si. A pesquisa de campo tem como pretensão orientar materiais de diferentes escalas para análise etnográfica. Sendo assim, o método utilizado se baseará em observação participante; entrevistas com interlocutores chaves (trabalhadores do Porto da Barra que fazem usos de materiais plásticos em diferentes formas) e recursos audiovisuais.

As entrevistas semiestruturadas acontecerão na praia de modo presencial. Considera-se que esta é um importante instrumento para coleta de dados pois representam meta narrativas que descrevem, enunciam, pensam e interpretam a realidade, a utilização desta ferramenta será para estimular os interlocutores/as entrevistados/as acerca das possibilidades de construção das diversas relações entre plásticos e humanos. As entrevistas quando mediada por outros objetos como sombreros, pranchas, copos plásticos, câmera fotográficas buscam um modelo mais aberto que permita o plástico se conectar com outras temáticas, a medida em que o interlocutor no fazer da entrevista reflita sobre suas relações, sentimentos e expressões que podem enriquecer a análise antropológica.

¹³ No texto, Mariza Peirano demonstra como a etnografia atrapalha as ciências consolidadas e os conceitos estabelecidos na ciência social, como a sociologia, onde busca destacar o método etnográfico como um fazer contínuo em que a todo tempo se refaz.

Deste modo, busca-se com isso observar questões como: as trajetórias de vida dos interlocutores se relacionam com os plásticos, o impacto das estruturas econômicas na maior presença ou não dos materiais plásticos na vida cotidiana; os modos como humanos e não humanos se relacionam no que tange a sustentabilidade, consumo e

excesso destes materiais, considerando a convivência das relações afetivas e materiais com o espaço do Porto da Barra, o plástico, as relações de poder e as desigualdades sociais.

Os recursos audiovisuais são importantes técnicas a coleta de dados, pois não deixa que a pesquisa se restrinja somente aos diários de campo. Para este trabalho etnográfico, a câmera fotográfica participará do convívio no contexto da praia do Porto da Barra, em Salvador-BA, em que a técnica passará a ser das pessoas com o plástico e não com a fotografia em si. A câmera, além de servir como um dispositivo de captura de imagens, também é responsável pelo um processo inventivo da imagem, se estendendo as imaginações mentais de quem fotografa e as experiências anteriores correlatas. Há uma relação interdependente entre o ser humano e o ser técnico, a câmera, que permite um complexo envolvimento entre as imagens mentais elaboradas pelo fotógrafo, a percepção de um acontecimento e a socialização com o externo em prol de uma imagem concreta. Tendo em vista este contexto, podemos considerar a maneira que os registros fotográficos irão desvelar como plástico devém parente dos seres humanos dado sua constante interação (FAGUNDES, 2016).

A câmera utilizada será de modelo Polaroid, o que também é um elemento importante a ser investigado.

Enquanto objeto técnico que media a ação entre a invenção e a materialização da imagem é composta por diferentes tipos de plástico. Aqui chegamos a um ponto importante a se destacar, a câmera ao registrar outros materiais plásticos resultando assim na imagem fotográfica, por vezes também materializada pelo plástico, torna se mais do que objeto. Seria o caso de uma pergunta, como o plástico-parente se insere enquanto potencial de inventividade? Pretendo trabalhar essa questão dentro da zona limítrofe entre signo, unidade que busca comunicar, e substância, elemento material. Deste modo, o objeto ganha a vitalidade de ser representado fora da sua objetualidade, ao mesmo tempo que a fotografia ajuda a congelar no poder de objeto. Busco nesse momento um amadurecimento de tecnologias já experienciáveis no projeto passado¹⁴. Dessa vez, inserindo os

trabalhadores

¹⁴ Em 2020, realizei um projeto de extensão similar pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) ao recontar a história da Comunidade do Quati através de registros fotográficos, após um rompimento de barragem. A fotografia, ao tratar do luto de uma comunidade, a partir de um desastre ambiental, constrói a imagem do passado-futuro – itens sentimentais, valores fiscais, resíduos - e constrói, ao mesmo tempo, a imagem de si, uma vez que o ocorrido expõe os rastros de destruição. O projeto anterior tinha intenção de ser realizado com

visualizar como os plásticos podem ocupar espaço e modificar as paisagens do Porto da Barra ao longo do tempo.

O que determina os efeitos durante o uso de um instrumento, são as forças envolvidas: as relações tecidas no íntimo com o próprio corpo e aquilo que se procura externamente, neste caso, “o utensílio só existe realmente no gesto que o torna tecnicamente eficaz” (LEROI-GOURHAN, 1990, p.33). Apoiado nos estudos do filósofo Gilbert Simondon (2007), acerca dos modos de pensamento técnico e estético, o uso de recursos audiovisuais pressupõe que seus efeitos estéticos estão articulados com a técnica das obras de arte e a forma de ser dos artefatos. Os procedimentos técnicos e rituais das relações que os plásticos estabelecem no Porto da Barra com seus habitantes permite compreender não somente o cru do técnico, mas sim as causas e os efeitos do cotidiano permeado pelo plástico, um complexo modo de comunicação que envolve malhas materiais e pessoas, na qual a ambivalência dos próprios plásticos se estabelece nas paisagens. Este complexo modo de socialização que é estabelecido com os instrumentos diz respeito “as funções das ferramentas, como os significados das estórias, são reconhecidas através do alinhamento das circunstâncias atuais com as conjunções do passado” (INGOLD, 2015, p.102).

Uma maneira de compreender os plásticos é tratá-los não apenas por objetos inertes e fechados, mas sobretudo por coisas porosas e fluidas que são perpassadas, como nós, por fluxos vitais, sendo assim integradas aos ciclos e dinâmicas da vida e do meio ambiente, nos termos desenvolvidos por Tim Ingold (2015). Para o autor, nomear as coisas seria trazer para perto uma estória de fluxos comunicativos e integração entre coisas que visam dar forma a cultura material. Neste sentido, prossegue Ingold (2015, p.29) “as coisas vazam, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas”. Mediante a essa noção de “coisa”, na qual funcionamento e discurso ampliam possibilidades em sentido, proponho conhecer, recriar e, a rigor, alinhar as condições que compõem a relação entre humanos e plásticos.

Sendo assim, essa proposta etnográfica reflete sobre uma “diversidade contaminada” proposta por Anna Tsing (2019) em que modos culturais e biológicos emergem nos últimos anos decorrentes da interação humana. Neste

as pessoas da comunidade, mas devido a pandemia da COVID-19 um replanejamento foi realizado e as fotografias utilizadas se restringiram apenas a equipe de trabalho e os demais agentes sociais independentes (mídia, instituições locais e estaduais).

18

sentido, uma etnografia que se dedique a compreender os modos de existência do plástico deverá também considerar os processos da sua vitalidade das quais ele emerge, abarcando questões como: as multiplicidades, dinâmicas, funcionamento e ambivalências do plástico na qual eles participam em diferentes escalas, circulação, seres vivos e processos materiais. Deste modo, também buscarei abordar questões com quais histórias conseguimos retratar uma Antropologia dos Plásticos, relativas às trajetórias de vida das/os interlocutores, considerando que interrogar sobre novas formas de construir relações entre humanos e plásticos representa, uma antropologia da vida tendo como o contexto o Antropoceno.

Plano de trabalho e cronograma de execução

O plano de trabalho está dividido em quatro partes principais: na primeira, serão contemplados o cumprimento das disciplinas previstas pelo PPGAS, a revisão da bibliografia pertinente e a submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa nas Ciências Humanas da Unicamp. No segundo momento, a pesquisa de campo realizada no Porto da Barra envolverá observação participante, recursos audiovisuais, entrevistas com interlocutores e análise dos dados durante o período de 18 meses. Ao final desse período, dedicado a sistematizar os dados colhidos com os interlocutores. Na terceira parte, prevista em 2027, por meio da realização da Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior será realizado trocas de experiências com o grupo de pesquisa *Centre for the Anthropology of Technics and Technodiversity* (CATT), na cidade de Londres, sobre o estudo da técnica e transformação acerca das relações estabelecidas entre práticas materiais, humanos, não humanos, conhecimentos e diversos contextos. Por último, a quarta parte do plano de trabalho, que terá duração de dois anos, será voltada para a elaboração do texto da tese de doutorado, bem como a realização do exame de qualificação.

Semestre/atividades	25/1	25/2	26/1	26/2	27/1	27/2	28/1	28/2
Pré-pesquisa	X							
Reuniões de orientação	X	X	X	X	X	X	X	X

Disciplinas obrigatórias e eletivas	X	X						
Submissão do projeto ao CEP	X							

19

Revisão bibliográfica	X	X	X					
Participação de eventos e congressos		X	X	X	X			
Programa de Estágio Docente (PED)		X						
Realização do trabalho de campo no Porto da Barra			X	X				
Sistematização dos dados				X		X		
Realização do exame de qualificação					X			
BEP					X	X		
Elaboração e defesa da tese					X	X	X	X

Forma de análise de resultado

Os dados e registros feitos ao longo do trabalho de campo a ser realizado no Porto da Barra, isto é, entrevistas com interlocutores chaves (habitantes do Porto da Barra que fazem usos de materiais plásticos em diferentes formas); recursos audiovisuais, serão analisados interpretativamente de modo a captar etnograficamente os atos técnicos atribuídos aos materiais plásticos (FAGUNDES, 2016). Ou seja, baseado nos tipos de específicos de relação entre corpos e instrumento onde se encontram situadas as reflexões antropológicas (FAGUNDES, 2016), os dados sistematização estarão baseados nas lâminas entre trabalho de campo, dados textuais e bibliografias referente ao tema em comum.

A pesquisa contará com um momento para análise de dados que ocorrerá ao término do trabalho de campo realizado na praia do Porto da Barra. No processo de sistematização, as entrevistas, gravadas, serão transcritas, e, assim como os demais materiais, serão armazenadas em plataformas de armazenamento seguras como *pendrive* ou HD externo. Os materiais impressos ou físicos (como o caderno de campo) também serão digitalizados. Durante esse processo, os dados serão analisados em consonância com a bibliografia relacionada ao tema dos plásticos, relações de poder, desigualdades, visibilidade e outros. Além disso, no que tange a divulgação de conhecimento referente a pesquisa os resultados preliminares da análise serão discutidos e compartilhados ao longo da investigação, por meio de participação em eventos científicos nacionais e internacionais, elaboração de artigos e outras produções. Um importante espaço de debate será o grupo de pesquisa da própria UNICAMP, o

20
Grupo de Estudos em Pensamento Negro Radical e Teoria Etnográfica (errante/Unicamp) e o Núcleo de Pesquisa em Participação, Movimentos Sociais e Ação Coletiva (nepac/Unicamp), ambos coordenado pela orientadora deste projeto, e o *Centre for the Anthropology of Technics and Technodiversity* (CATT), da London Global University, na cidade de Londres.

Bibliografia

AMATO-LOURENÇO, Luís Fernando; OLIVEIRA, Regiani Carvalho de. **A vida imersa em microplástico**. Revista Pesquisa FAPESP, São Paulo, n. 347, p. 12–19, jan. 2025. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2025/01/012-019_capa-microplasticos_347.pdf. Acesso em: 21 abr. 2025

AMATO-LOURENÇO, Luís Fernando; MAUAD, Thaís; OLIVEIRA, Regiani Carvalho de. **Equipe da USP identifica microplásticos no cérebro humano**. Revista Pesquisa FAPESP, São Paulo, 7 fev. 2025. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/equipe-da-usp-identifica-microplasticos-no-cerebro-humano/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

APPADURAI, Arjun (Org.). **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Tradução de Ana Cristina Collaço. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

ARTAXO, Paulo. Uma nova era geológica em nosso planeta: o Antropoceno?. **Revista Usp**, n. 103, p. 13-24, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/99279>. Acesso em: 11 ago. 2023.

BARBOZA, Luís Gabriel Antão et al. Marine microplastic debris: An emerging issue for food security, food safety and human health. **Marine pollution bulletin**, v. 133, p. 336-348, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0025326X1830376X>. Acesso em: 10 ago. 2023.

BUTLER, Judith. **Undoing Gender**. New York: Routledge, 2004.

DERRIDA, Jacques. **A Farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

ECKERT, Cornelia. *História social da borracha, seringueiros do Acre*. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/240972069_Historia_social_da_borracha_seringueiros_do_Acre. Acesso em: 4 maio 2025.

ESPINOSA, Baruch. **Ética**. São Paulo: USP, 2021.

FAGUNDES, Guilherme Moura. **Como o fogo devém ferramenta? notas sobre ma-nejo e manipulação no Cerrado**

(Jalapão TO). Novos debates - fórum de debates em antropologia, Brasília, v. Vol.2, p. 59-67, 2016.

FAGUNDES, Guilherme Moura. **Fogos gerais: transformações tecnopolíticas na conservação do Cerrado (Jalapão, TO)**. 2019. 444 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia) —Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. Ubu Editora, 2022.

GOLDMAN, M. "Quinhentos anos de contato": por uma teoria etnográfica da (contra)mestiçagem. *Mana*, v. 21, n. 3, p. 641–659, dez. 2015.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna. **Ciência, Cyborgs e Mulheres: a reinvenção da natureza**. Tradução de Helena Martins. São Paulo: Ed. 34, 2009. p. 33-118.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. Tradução de Helena Martins. São Paulo: Ed. UBU, 2022.

HARAWAY, Donna. **As espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Tradução de Pê Moreira. Ed. Bazar do tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. **Seguir com o problema: gerações de engajamento feminista nos trabalhos de Ciência e Tecnologia**. Tradução de Júlia Rebouças. São Paulo: n-1 edições, 2023.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Tradução de Paulo Mendes. Petrópolis: Vozes, 2015.

JONES, Frances. **A ameaça dos microplásticos**. Revista Pesquisa FAPESP, São Paulo, ed. 281, p. 25–28, ago. 2019. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-ameaca-dos-microplasticos/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

21

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Editora 34, 2019.

LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra, técnica e linguagem**. Rio de Janeiro: Ed.70, 1990.

LESLIE, Heather A. *et al.* Discovery and quantification of plastic particle pollution in human blood. **Environment international**, v. 163, p. 107199, 2022. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160412022001258>. Acesso em: 11 ago. 2023.

MAUAD, Thaís; AMATO-LOURENÇO, Luís Fernando; OLIVEIRA, Regiani Carvalho de. **Os impactos dos microplásticos sobre a saúde humana**. Revista Pesquisa FAPESP, São Paulo, ed. 332, out. 2023. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/os-impactos-dos-microplasticos-sobre-a-saude-humana/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 2003. Trad. de Priscila Massotti. São Paulo: N-1 Edições, 2011.

OLIVEIRA, Joana Cabral de. *et al.*(Orgs.). **Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Revista de Antropologia, v. 40, n. 1, p. 229-235, 1995.

SCHMIDT, Sarah. **Rochas de plástico**. Revista Pesquisa FAPESP, São Paulo, ed. 333, nov. 2023. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/rochas-de-plastico/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

SEMENSATTO, Décio Luiz. **Microplásticos em água e sedimentos no estuário do Rio Amazonas (AmazonMicroplast)**. São Paulo: FAPESP, 2021. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/auxilios/109401/microplasticos-em-agua-e-sedimentos-no-estuario-do-rio-amazonas-amazonmicroplast/>. Acesso em: 1 maio 2025.

SIMONDON, Gilbert. **El modo de existencia de los objetos técnicos**. Tradução de Alejandro Martínez de Velasco. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

SUBRAMANIAN, Meera. A Natureza do Plástico. **Piseagrama**, 2021. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/a-natureza-do-plastico/>. Acesso em: 13 ago. 2023.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas Ruínas: paisagens multiespécies para um planeta sem futuro**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: n-1 edições, 2019.

WYNTER, Sylvia. **Unsettling the Coloniality of Being/Power/Truth/Freedom**. 2003. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4146893>. Acesso em: 4 maio 2025.

WYNTER, Sylvia. Novel and history, plot and plantation. *Savacou*, v. 5, n. 1: 95 102, 1971.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

WORLD WIDE FUND FOR NATURE. **No Plastic in Nature: Assessing Plastic Ingestion from Nature to People.** [S. l.]: WWF, 2019. Disponível em: https://wwfint.awsassets.panda.org/downloads/plastic_ingestion_web_spreads_1.pdf. Acesso em: 12 ago. 2023.

ZAPAROLLI, Domingos. **Microplásticos se espalham pela costa brasileira.** Revista Pesquisa FAPESP, São Paulo, ed. 332, out. 2023. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/microplasticos-se-espalham-pela-costa-brasileira/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

ZAPAROLLI, Domingos. **Os impactos dos microplásticos sobre a saúde humana.** Revista Pesquisa FAPESP, São Paulo, ed. 332, out. 2023. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/os-impactos-dos-microplasticos-sobre-a-saude-humana/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

ZORZETTO, Ricardo. **Equipe da USP identifica microplásticos no cérebro humano.** Revista Pesquisa FAPESP, São Paulo, 7 fev. 2025. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/equipe-da-usp-identifica-microplasticos-no-cerebro-humano/>. Acesso em: 21 abr. 2025.